



— | Cielo de Estudos Decoloniais

Uma introdução à decolonialidade na América
Latina



— Índice

A Decolonialidade na
América Latina

- Pensando a partir do Sul
- Epistemologias
- Pós-colonialidade
- Decolonialidade na América Latina
- Algumas Referências

**"Por que vocês estão
fazendo isso?"**

Bacurau

*

A Europa é indefensável

Aimé Césaire



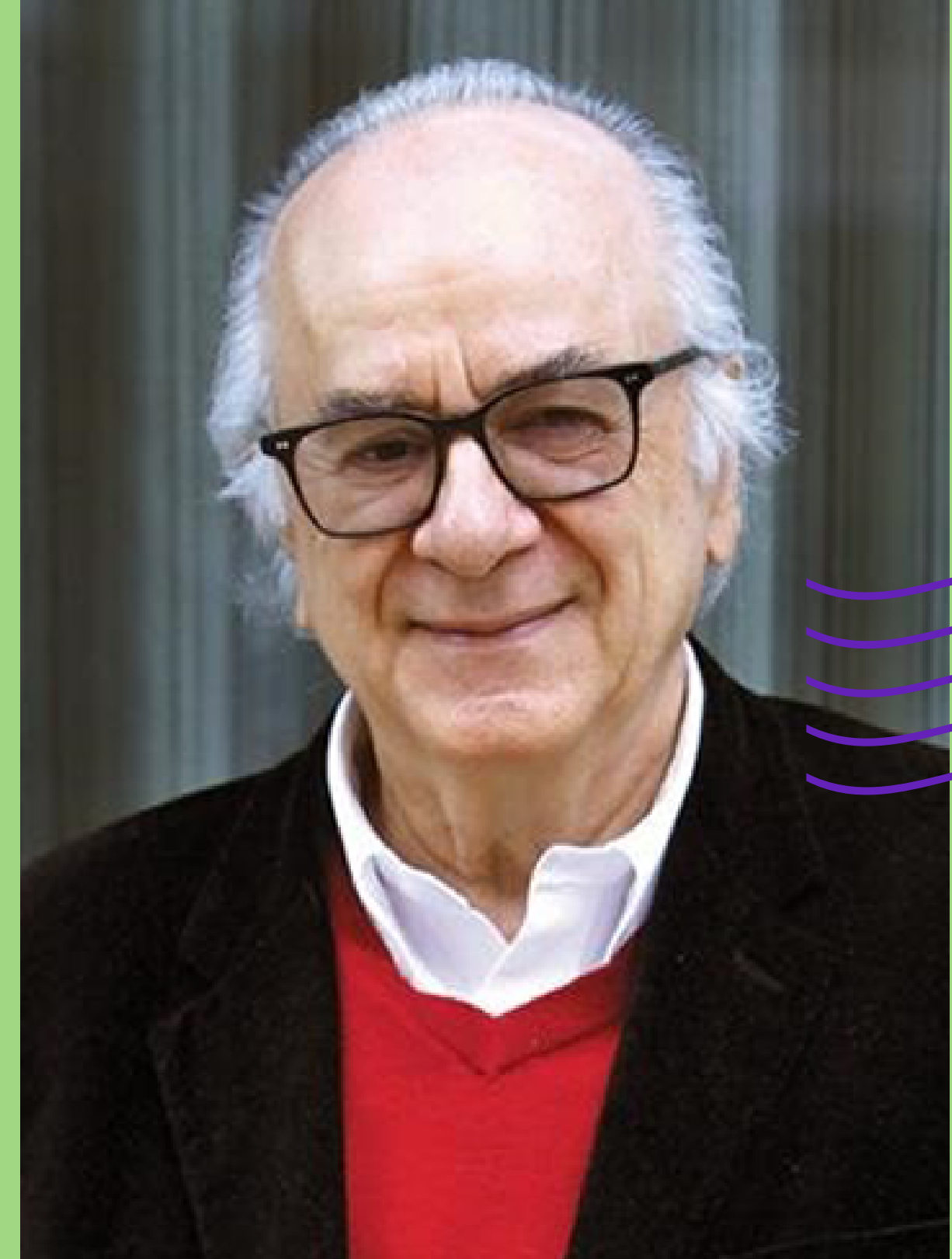


— Pensando a partir do Sul

Primeiro é importante que se diga que nenhuma teoria pode dar conta da complexidade da vida, e com os estudos decoloniais não é diferente. O fato de pensarmos a partir do/no/pelo Sul é um levante dissidente à hegemonia epistemológica eurocêntrica/pariarcal/calonal/capitalista que tenta se impor ao mundo como universal. Partimos aqui da constatação decolonial que todo conhecimento é localizado e circunstancial, não há nada de universal na produção de saber, como quer o projeto civilizatório Ocidental sustentado pela colonialidade de ser, saber, poder.

Epistemologia

Para Boaventura de Sousa Santos epistemologia é “ toda noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional ou inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias”.



I CICLO DE ESTUDOS DECOLONIAIS

[A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta.

[Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada).

[Walter Mignolo - Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política

(!)

(Desobediência)

— **epistêmica**



**o mundo é
epistemologicamente
diverso e essa
diversidade representa
a manifestação da
originalidade e
diversidade de
experiências sociais
distintas —**

Pensamento crítico de fronteira

Walter Mignolo - Redefine a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial.

Geopolítica do conhecimento

Termo cunhado por Dussel ao discutir a hierarquização do conhecimento forjada pela Europa.

Pensar e atuar nas fissuras e margens

Catherine Walsh - a pensar con y desde construcciones, creaciones y prácticas insurgentes que trabajan fuera, en los bordes y los márgenes, así como adentro, abriendo y ensanchando las grietas y fisuras decoloniales.

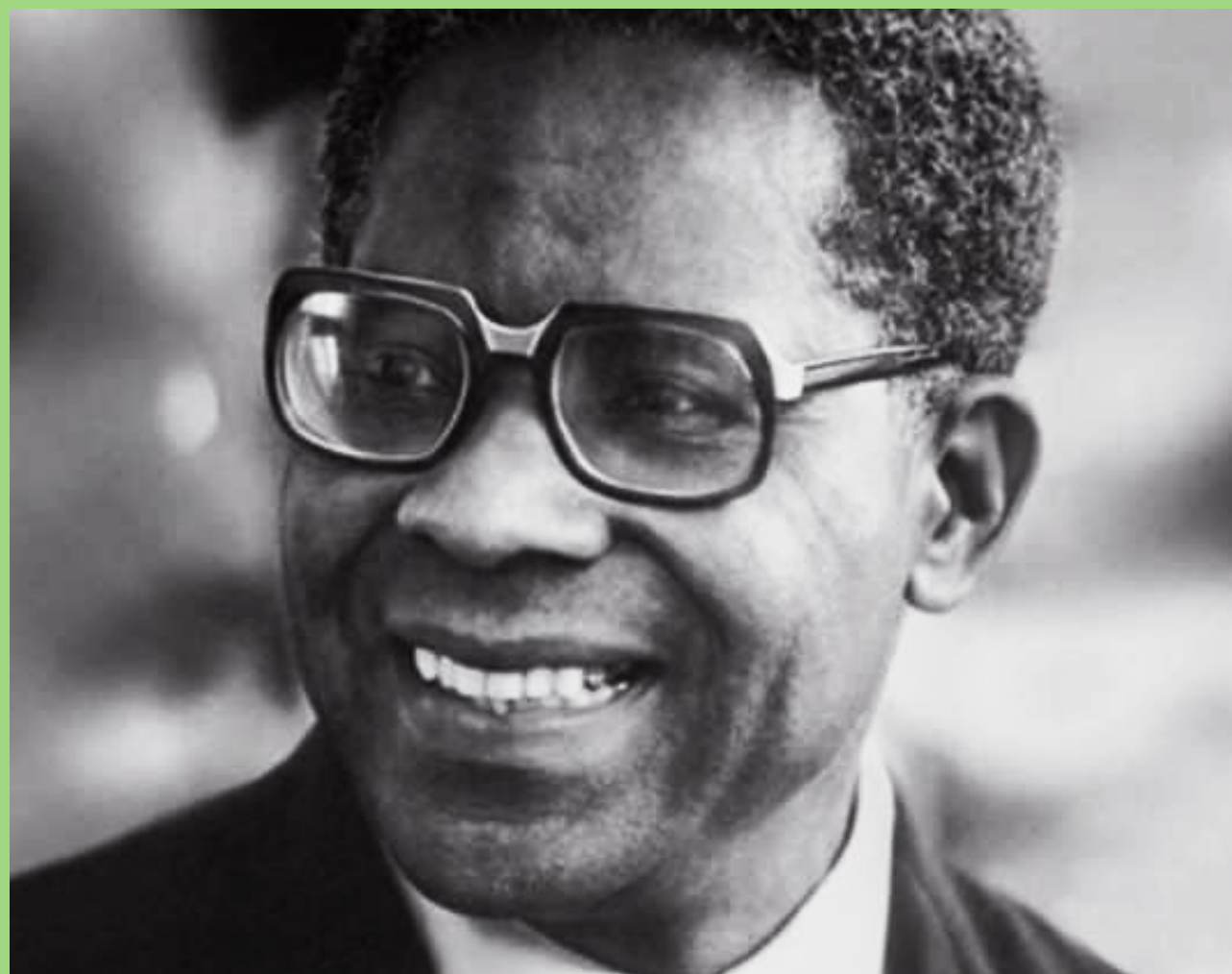


— Glória Anzaldúa

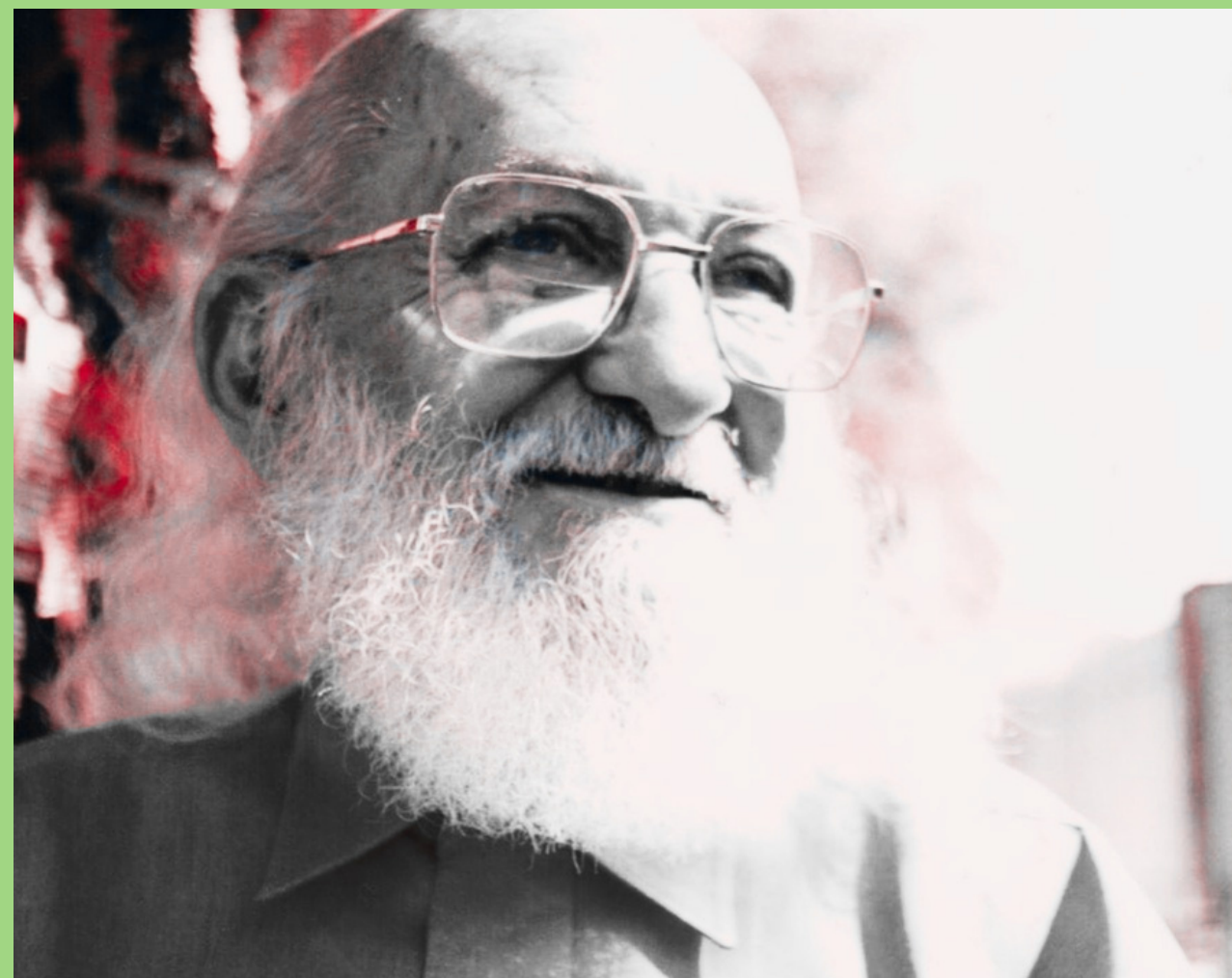
Essas inúmeras possibilidades deixam la mestiza à deriva em mares desconhecidos. Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, ela passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou idéias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter idéias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. La mestiza tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, 4 caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir.

A nova mestiza enfrenta tudo isso desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambigüidades. Aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista anglo-americano. Aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa.

Aimé Césaire —



Paulo Freire —





Pós-colonialismo —

Na década de 70/80 teremos um grupo de intelectuais que são definidores para o que nós conhecemos como estudos subalternos e pós-colonialismo.

Considera-se o nascedouro do pós-colonialismo/ estudos subalternos no sul asiático, mais especificamente na Índia. Pensadoras indianas como Spivack, Ranajit Guha e o palestino Edward said são considerados os iniciadores desses estudos.

— Pós-Colonialismo (...)

Estudos Subalternos

Essas teóricas irão desencadear uma revisão histórica e política na Índia tendo o colonialismo e suas dinâmicas de hierarquização de saber, poder e ser como princípio definidor das construções das subjetividades, além de lançar uma crítica radical ao eurocentrismo presente nas ciências sociais e humanas.

Ranajit Guha e Gayatri Spivak, passam a utilizar o termo “subalterno” para se referir a grupos marginalizados; grupos esses que não possuem representatividade, em decorrência de seu status social. Cabe dizer que se trata de um atributo geral relacionado à subordinação da sociedade, em termos de classe, casta, idade, gênero e trabalho.



De onde surge a decolonialidade na AL?

O paradigma decolonial é fruto das insurgências promovidas pelas sujeitas(os) do Sul global

Catherine walsh —

Lo decolonial, por supuesto, no es una nueva condición a ser interpretada, implementada o lograda por el gobierno, ni tampoco podría ser jamás un proyecto de estructuras e instituciones que mantengan el molde de gobierno de la autoridad, control y poder vertical. Pensar entonces que los gobiernos pueden lograr o siquiera provocar la decolonización sin siquiera radicalmente transformar las propias nociones de autoridad y poder es una falacia que incluso Evo Morales está haciéndonos notar claramente. Lo decolonial no viene desde arriba sino desde abajo, desde los márgenes y de los bordes, de la gente, las comunidades, movimientos, colectivos que retan, interrumpen y transgreden las matrices del poder colonial en sus prácticas de ser, actuación, existencia, creación y pensamiento. Lo decolonial, en este sentido, no es un estado fijo, un estatus o condición; tampoco denota un punto de llegada. Es un proceso dinámico siempre en proceso de hacerse y re-hacerse dada la permanencia y capacidad de reconfiguración de la colonialidad del poder. Es un proceso de lucha, no solo contra sino más importante aún, para- para la posibilidad de un otro-modo o modo-otro de vida. Un proceso que engendra, invita a la alianza, conectividad, articulación e interrelación, y lucha por la invención, creación e intervención, por sentimientos, significados y horizontes radicalmente distintos

Decolonialidade na América latina

1990...

Em 1990, nos Estados Unidos, foi formado o grupo de estudos subalternos latino-americanos composto por John Beverley, Robert Carr, José Rabasa, Javier Sanjinés e Ileana Rodrigues. Esse grupo é composto em sua maioria por antropólogos e historiadores.

Reprodutibilidade do esquema epistêmico americano

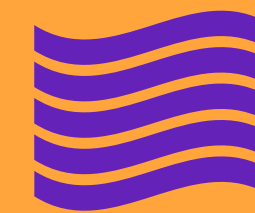
Esses autores subestimaram as perspectivas étnico-raciais oriundas da região, dando preferência sobretudo a pensadores ocidentais.

1998...

O grupo é desfeito . Segundo Grosfoguel, os motivos para o rompimento seriam...

O grupo não rompe com o cânone ocidental convocando para o diálogo o que eles chama de os 4 cavaleiros do apocalipse: Foucault, Derrida, Gramsci e Guha.

Existe uma oposição dos que consideravam a subalternidade uma crítica pós-moderna – o que representa uma crítica eurocêntrica ao eurocentrismo – àqueles que a viam como uma crítica decolonial – uma crítica por parte dos povos e saberes silenciados e subalternizados.



— **“Esta não é uma crítica anti-europeia fundamentalista e essencialista. Trata-se de uma perspectiva que é crítica em relação ao nacionalismo, ao colonialismo e aos fundamentalismos, quer eurocêntricos, quer do Terceiro Mundo. (...) O que todos os fundamentalismo têm em comum (incluindo o eurocêntrico) é a premissa de que existe uma única tradição epistêmica a partir da qual pode alcançar-se a Verdade e a Universalidade.**

Disputas da crítica decolonial:

Uma perspectiva epistêmica descolonial exige um cânone de pensamento mais amplo do que o cânone ocidental (incluindo o cânone ocidental de esquerda);

Uma perspectiva descolonial deve se envolver com diversos projetos críticos políticos/éticos/epistêmicos apontando para um mundo pluriversal e não um mundo universal;

A descolonização do conhecimento exigiria levar a sério a perspectiva/comologias/visões de pensadores críticos do Sul global, que pensam com e a partir de corpos e lugares étnicos-raciais/sexuais subalternizados.



Os Estudos Decoloniais compartilham um conjunto heterogêneo de teorias que revisitam a produção do poder no período que compreendemos como Modernidade, refazendo os caminhos de algumas premissas que se tornaram “Universais”:

1.

O deslocamento do nascedouro da Modernidade não no Iluminismo ou Revolução Industrial, como é comumente aceito, mas no controle do Atlântico, entre os séculos 15 e 16, e na invasão dos territórios que conhecemos atualmente por Américas.

2.

A ênfase especial na estruturação do poder por meio do colonialismo e das dinâmicas constitutivas do sistema -mundo moderno/ capitalista e em suas formas específicas de acumulação e de exploração em escala global;

I CICLO DE ESTUDOS DECOLONIAIS

Os Estudos Decoloniais compartilham um conjunto heterogêneo de teorias que revisitam a produção do poder no período que compreendemos como Modernidade, refazendo os caminhos de algumas premissas que se tornaram “Universais”:

3.

A compreensão da modernidade como fenômeno planetário constituído por relações assimétricas de poder, e não como fenômeno simétrico produzido na Europa e posteriormente estendido ao resto do mundo;

5.

A subalternização da maioria da população mundial se estabelece a partir de dois eixos estruturais baseados no controle do trabalho e no controle da intersubjetividade;

4.

A assimetria das relações de poder entre a Europa e seus Outros representa uma dimensão constitutiva da modernidade e, portanto, implica necessariamente a subalternização das práticas e subjetividades dos povos dominados;

6.

A designação do eurocentrismo/ocidentalismo como a forma específica de produção de conhecimento e subjetividades na modernidade.



Maria Lugones



Julieta Paredes



Glória Anzaldúa



Catherine Walsh



Silvia Rivera Cusicanqui



Denise Ferreira da Silva

— Os direitos de todos são violados quando os direitos de um só são ameaçados.

Nossa luta definirá o futuro.

